

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA (UFRO)
CENTRO DE HERMENÊUTICA DO PRESENTE

PRIMEIRA VERSÃO

ANO I, N°03 MAIO - PORTO VELHO, 2001
Volume I

ISSN 1517-5421

EDITOR

NILSON SANTOS

CONSELHO EDITORIAL

ALBERTO LINS CALDAS - História
ARNEIDE CEMIN - Antropologia
FABÍOLA LINS CALDAS - História
JOSÉ JANUÁRIO DO AMARAL - Geografia
MIGUEL NENEVÉ - Letras
VALDEMIR MIOTELLO - Filosofia

Os textos de até 5 laudas, tamanho de folha A4, fonte Times
New Roman 11, espaço 1.5, formatados em "Word for Windows"
deverão ser encaminhados para e-mail:

nilson@unir.br

CAIXA POSTAL 775
CEP: 78.900-970
PORTO VELHO-RO

TIRAGEM 150 EXEMPLARES

EDITORA UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA

PRIMEIRA VERSÃO

ISSN 1517-5421

lathé biosa

3



LIBERTINAGEM E LITERATURA

ALBERTO LINS CALDAS

αΩ

Caro Leitor

O Centro de Hermenêutica do Presente tem a satisfação de apresentar sua mais recente publicação: *PRIMEIRA VERSÃO*.

Trata-se de produção indexada destinada a divulgar ensaios breves na área de Ciências Humanas.

Esta publicação prioriza:

- resultados iniciais de pesquisas, dada a importância de seu registro;
- discussões setorizados como temas de aulas, seminários e palestras.
- reflexões em torno de obras recém lançadas no mercado editorial.
- considerações teóricas de temas polêmicos da vida universitária.

A tiragem de cada edição será de 150 exemplares, distribuídos na própria universidade e encontrados também no Centro de Hermenêutica do Presente.

Por dedicar cada número a um único trabalho, sua elaboração, impressão e caráter gráfico têm uma dinâmica diferente dos periódicos da universidade. Desta forma, a *PRIMEIRA VERSÃO* pretende ser presença efervescente no cotidiano da universidade.

Além do ensaio, a publicação terá uma seção final chamada VITRINE com avisos de lançamentos de livros, informes sobre pesquisas, links importantes para consulta na internet e outros assuntos de interesse acadêmico.

As contribuições de ensaios e comunicações para a VITRINE devem ser encaminhadas por e-mail, diretamente para o editor, ou para o Conselho Editorial.

Primeira versão é uma publicação de distribuição gratuita e pode ser encontrada no hall de entrada da biblioteca do campus.

NILSON SANTOS

EDITOR

O "numeroso auditório" sai sempre "desenganado" e se engana sempre com o escritor que, per-vertido, se tornou um libertino. "Ouçamos", se conseguirmos ouvir como sempre se ouviu, a palavra que não é mais palavra, a palavra que vem do antes e do depois e não mais do dentro e que não é mais um corpo: perdeu a casca e perdeu as entranhas de inseto morto. O libertino já não vem de perto, já não é conhecido, já não faz parte de uma língua, de uma música, de um ethos.

O libertino semeia não mais uma palavra social, humana ou mesmo divina como o "pregador evangélico que saiu a semear a palavra divina": o libertino perdeu a origem: sua palavra não é sequer mais palavra. Seu livro, que não é mais livro, não pertence mais. Definitivamente não pertence mais. O libertino não sai mais a semear sua não-palavra: não há mais "o dia da messe" e nem quem possa nos "medir a semeadura" e não hão de nos poder "contar os passos". Essa palavra não "colhe fruto", não deita raízes ou muito menos flutua. O libertino é diferente tanto dos que "saem a semear" quanto os que "semeiam sem sair": por não semear, gerando uma palavra que não é mais palavra, o libertino não pertence mais a um lugar e tampouco a outro lugar: sem origem, o lugar da sua fala não é mais a fala de um lugar. Os que saíam a semear "à Índia, à China, ao Japão" levavam o seu lugar; os que "semeiam sem sair" e "se contentam com pregar na Pátria" exercitam a pátria, a palavra enraizada, a palavra que dá frutos. O libertino perdeu o lugar: e todos os lugares não criam um lugar: todos os lugares é sempre antes e depois de todos os lugares: há, na verdade, um asco dos lugares e das permanências, um horror das raízes. O libertino, fora dos lugares da palavra e das palavras dos lugares, não tem mais a "sua razão": perdeu a razão: nele nada mais "tem sua conta".

Em canto algum o libertino será pago: nada ou ninguém poderá lhe pagar "a semeadura": sua semeadura é falsa e seu destino sempre duvidoso: o esquecimento é sua forma de eternidade: suas palavras não são consumíveis: não circulam como mercadoria: não são feitas para a boca, o estômago ou o intestino. O libertino, diferente do antigo escritor, não pode mais ser medido pela semeadura ou medido por seus passos: não há passos a medir ou semeadura a ser vista ou tocada. Definitivamente não há para o libertino o "Dia do Juízo": suas palavras estão depois do juízo e depois de todos os dias: é uma palavra criando esquecimento, além do próprio esquecimento.

Podiam voltar os que partiam e partir os que ficaram: o libertino nem parte porque ficou nem retorna porque partiu: suas palavras não nascem da Fé, da Terra, da Comunidade, do Trabalho, da Língua, do Livro, do Corpo, do Tempo: suas palavras não se propagam e não se professam: ele ou as palavras que provisoriamente podemos dizer que são dele (pois já não pertencem nem mesmo mais a ele nem nele têm sua origem, ele que nem mesmo é sua origem ou é alguma coisa) não vão e não retornam.

Nada governa o libertino ou as palavras que atravessam o libertino vindas do canto algum do sem origem: sem rédeas que lhe governem o antigo e desativado espírito, livre dos im-pulsos desse espírito, livre das arqui-teturas interiores e das brechas possíveis e abertas sempre com o com-sentimento e o poder desse com-sentimento, as palavras libertas de si mesmas e do libertino nem permanecem nem partem: elas se desintegram nos fluxos sem corpo e sem in-tenções. Só a antiga palavra, o antigo olho, o antigo ouvido, o antigo corpo, a antiga circulação não conseguem apalpar o óbvio desse nada e continuam como se nada houvesse acontecido.

O antigo corpo, o antigo lugar do corpo e das palavras desse corpo, fecha o campo e armam contra o libertino e as palavras que ainda parecem ser do libertino (ele é culpado juridicamente por elas como se fossem nascidas dele, como se fossem coisas, como se: o antigo corpo não cessa facilmente: o libertino é somente culpado de inocência) "espinhos" e "pedras" e lhe fecham "os caminhos" como se "pedras", "espinhos" e caminhos "fechados" cortassem um tipo de fluxo que está "além da imaginação" desses "corpos naturais". O libertino não tem mais a degustação masoquista ou mesmo sádica das contradições e dos contrários.

Uma parte das palavras do libertino não cai "entre espinhos", afogada entre espinhos; uma outra parte não cai "sobre pedras", secando nas pedras "por falta de umidade"; outra parte dessas palavras que não são palavras não cai no caminho que não há e não são pisadas pelos homens e muito menos serão comidas pelas aves. "Ora vede como todas as criaturas do Mundo se armaram contra esta sementeira" que não é sementeira, não é semente, não é parte e não faz parte: para ela não há espinhos, pedras, caminhos, homens, pássaros: não há sequer o libertino. Para essa palavra não há "criaturas do mundo" ou criaturas no mundo: não há gêneros, não há "criaturas racionais, como os homens; criaturas sensitivas, como os animais; criaturas vegetativas, como as plantas; criaturas insensíveis, como as pedras": "não há mais" nada como antes havia. E tudo se arma contra o libertino: até mesmo o libertino é contra si mesmo. Sem fazer parte de nada "A natureza insensível o persegue nas pedras, a vegetativa nos espinhos, a sensitiva nas aves, a racional nos homens": as esperam secá-lo a ele, o libertino, e às suas palavras; os espinhos esperam afoga-los; as aves esperam comê-lo; e os homens esperam pisa-los: não há mais o que afogar, comer, pisar. Não há como apedrejar o que não existe, não resiste, não posiciona, não circula, não nasce e nem morre.

Ele o libertino não recebe a ordem "Ide, e pregai a toda a criatura": nem sua palavra é para nenhuma criatura: para essa palavra e para o libertino "Os animais não são criaturas"; "As árvores não são criaturas"; "As pedras não são criaturas"; os homens não são criaturas: elas as palavras do libertino e o libertino não podem mais "pregar às pedras"; "pregar aos troncos"; "pregar aos animais"; pregar aos homens ou "pregar a todas as nações do Mundo": para essa palavra e para o libertino não há o homem e as criaturas: não há "homens degenerados em todas as espécies de criaturas": ela não procura os "homens homens"; "homens brutos"; "homens troncos"; "homens pedras": não há mais o mundo. A "Grande desgraça" cessou para essa palavra, mas contra ela se armam "todas as criaturas", todas as más-vontades, todas as iniquidades que não cessam enquanto não devoram santamente nalgum altar o libertino.

Essa palavra, não indo e não vindo, não padece nela o que padeceu o libertino: são duas não-coisas. Se o libertino acha que por essa palavra ficou "mirrado", "afogado", "comido", "pisado" nada disso padece a palavra do libertino: uma palavra sem pai, sem mãe, sem família: uma palavra que não dura na

passagem e não pesa no seu existir. A essa palavra o libertino não é um pai ou uma mãe ou uma origem qualquer: ela nada lhe deve e nada lhe representa e nada lhe diz. Não é ela que lhe devora e lhe afoga e lhe mirra o corpo. Ela não sendo não nasce dele nem a ele pode voltar, e a ninguém se destina. E o libertino feliz e livre diz somente "Não me queixo". Para o libertino não há glórias; ele não definha pelas palavras libertas; ele não é o seu "autor"; ele não sente amor por elas; ele não se afoga por elas; ele não é comido por elas; ele não é pisado e perseguido por elas; ele só tem um crime: deixa-las passar, fluir através dele, aberto como por uma passagem corre o vento. Mas esse se-abrir não o mata e não o representa: não foi ele que se abriu e muito menos elas que o forçaram a se abrir: de repente ele estava aberto e elas fluíram através dele como o vento por uma passagem como se ele fosse sempre aberto e elas sempre fluindo em busca das aberturas; ou como a lava vindo através dos caminhos da terra para o vulcão. Também não há prazer nessa abertura e nesse se abrir e deixar passar. Mas se esse passar também o leva, não o esgota e nem o diz: o multiplica até a deformação.

Quem vai a esse lugar nenhum dessa palavra nenhuma não vai a um campo ou chega depois de muito trabalho a esta "condição": essa palavra nenhuma e esse não ser do libertino não é fruto de uma evolução pessoal, coletiva ou lingüística, de um progresso, de uma conquista: é somente a decomposição, a ruína, a corrupção, a degeneração, o esgarçamento até nada mais haver de uma posição, de um corpo, de uma interioridade, de um campo, de uma rede de forças, de palavras de ordem: não há um novo lugar, um novo corpo, uma nova palavra. Não se vai adiante e não se retorna: não é um trabalhador o libertino; não é uma palavra a sua palavra. Não é algo que deva ser protegido. Não é algo que "nasceu, cresceu, espigou, amadureceu, colheu-se, mediu-se": não é uma palavra que seja semente: não é um grão que "multiplicara cento". Não traz "grandes esperanças" porque não é uma "sementeira"; não dá nenhum "exemplo" porque não há "semeador". Nessa palavra se perdem todos os trabalhos inclusive as últimas partes. E o libertino perde a vida inteiramente nesse deixar passar o nada que o atravessa.

Essa palavra é sempre enganadora; o libertino é sempre enganado e enganador: dele não é mais que uma brecha onde passam as palavras que não são nem podem ser. Estas palavras não estão nem na virtualidade nem no caos de não-onde foram formatadas a existência, o existente e o existir.

O silêncio, o fluxo de nada e o não ser da palavra fissurada do libertino é o que antigamente se entendia como "a palavra de Deus"; a palavra do mito; aquilo que não nos pertence; aquilo que vem do "além" e volta através de nós para esse antes que é depois, para esse dentro que é fora [o fluxo discursivo que é a própria virtualidade]. Seu destino não é o corpo, não é a alma como a antiga palavra. Seu destino não atravessa "os diversos corações dos homens". Tanto os "corações embaraçados com cuidados, com riquezas, com delícias" quanto "os corações duros e obstinados": tanto os leitores cuidadosos, ricos e macios em sua leitura quanto os duros e obstinados morrem sem conhecerem as palavras do libertino. Os leitores espinhentos e os leitores secos: leitores do coração: não podem ler as palavras libertinas. Nesses leitores as palavras devem criar raízes, devem significar, devem florescer e ensinar: são cordiais: leitores do coração: frágeis ou rudes não escapam do coração. Os "corações inquietos e perturbados com a passagem" das palavras que não são palavras do libertino também não são os leitores dessa palavra: "todas passam" por esses corações. Eles, os leitores do coração, atendem ou prezam essas palavras. Querem ouvi-las. Há também os "bons

leitores": de "corações bons ou os homens de bom coração": nesses se "prende e frutifica a palavra" "com tanta fecundidade e abundância" que são os piores leitores do mundo: são crentes da palavra: através deles corre a palavra do libertino sem os tocarem: ele sente somente o arrepio da impossível compreensão. Eles colhem muito de nada: pensam que aquela palavra é ainda uma palavra: são inocentes.

Também os leitores dos olhos e da língua não podem compreender ou sentir as palavras libertinas: eles ainda são leitores corporificados, carniais. Mas então qual o verdadeiro e bom leitor da palavra libertina? A resposta poderia ser somente uma: o libertino, mas o libertino não consegue ler mais seu significado pois sabe que elas somente fluem sem significar. O libertino não pode ser mais leitor: o libertino é o fim da leitura como ele mesmo é o outro do escritor e suas palavras são o outro da palavra. O libertino e suas palavras não sobem mais "ao púlpito". Ele não fica mais "suspenso e confuso" . Sua palavra não é mais eficaz ou poderosa como antes era a palavra de deus. Dela não nascem frutos e nela não se plantam sementes. Ela não "frutifica cento por um" nem "um por cento". Ela não se contenta, não se converte e não emenda nenhum homem. Nela não há fé nem autoridade, muito menos experiência ou passado. Ela não se recorda de nada e nem vive nada. Ela não pode ser pregada: no ar, no fluxo, na parede, nos ouvidos, no papel, na tela, nos olhos, nos sonhos, no libertino. Ela não pode ser pregada. Dela não nasce "histórias", "pecados convertidos", "mudança de vida", "reformação de costumes", "riquezas e vaidades do Mundo", "as mocidades e as gentilezas" : "Nada disto": talvez somente repetição, simetria e desejo.

Tempo da palavra: mas jamais da palavra libertina: ela não é do tempo: não é determinável. Não é dita. A antiga palavra podia ser e ser poderosa ou frágil: a palavra libertina além de não ser palavra e não ser, está antes e depois da fragilidade, da força e do poder. Ela não é de um meio, de um instrumento, de uma técnica, de um método, de uma teoria. Para "senti-la" é preciso aprender a não ouvir, não ver, não sentir, não respirar, não ser. Somente assim o leitor e ela se com-vertem no mesmo flu-ir.

VITRINE

SUGESTÃO DE LEITURA

FILOSOFIA PARA CRIANÇAS Investigação e Democracia na Escola

NILSON SANTOS
Terceira Margem

RESUMO: O livro tem duas estruturas. Na primeira, constitui uma crítica ao conhecimento, às naturalizações, universalizações e paradigmas da ocidentalidade, propondo uma Hermenêutica do Presente como instância de debate e resistência; na segunda, delinea o diálogo dessa Hermenêutica com a História Oral e, em especial, com a obra de José Carlos Sebe Bom Meihy, tentando superar os atuais impasses tanto da História quanto da História Oral, pondo em diálogo teorias, métodos e procedimentos em busca de uma maior autonomia das reflexões em torno da oralidade.

SUMÁRIO: A Natureza, Os Sentidos, O Olhar, O Corpo, A História, Ficção, Tempo e Memória, A Razão do Senhor, A Ciência, Empirismo, O Tempo da História Oral, Memória, Psicologia Textual, História Oral, Ficção e Realidade, Premissas Metodológicas, Procedimentos Gerais, Procedimentos Específicos, Comunidade de Destino / Colônia / Rede, O Projeto, As Gravações, A Entrevista, A Transcrição, A Textualização, A Transcrição, Interpretação e Leitura.

Áreas de interesse: História, Sociologia, Antropologia, Filosofia, Letras.

Palavras-chave: Hermenêutica, História Oral, Metodologia, Texto, Interpretação.

LINKS

Livros para Download
www.bookweb.com.br

Fotos e Turismo
www.planetaware.com

Buscador na WEB
<http://www.jarbas.com.br>

Cursos de Espanhol e Inglês gratuitos
www.parlo.com.br

Pintura
www.historiadaarte.com.br

Centro de Estudos Rurais e Urbanos
<http://www.usp.br/prpesq/ceru.htm>

Dante Alighieri
<http://ibpinet.net/helder/dante/index.html>

Ferramentas para Home Page
<http://br.geocities.com>

Culinária Portuguesa
www.bacalhau.com.br/portugal.html

Arte
www.fine-art.com
www.artchive.com/galleries.html/core.html